

Educação

# COMO FICAM OS CURRÍCULOS ESCOLARES?

Ismar Pereira Filho

Parece que finalmente o Brasil acordou para a desgraça que tem sido a educação. Há pessoas fazendo “falcudade”, dizendo que “a gente chegaremos lá”, professores pedindo “alimento”. A situação das escolas brasileiras não podia ser pior.

Mas não é só a língua portuguesa que não se aprende nas escolas. O tal provão demonstrou que o nível de aprendizado é baixíssimo em todas as disciplinas. Se isso acontece em nossas “falcudades”, imagine o diabo que está acontecendo no ensino fundamental e no médio.

Quando eu tinha uns sete anos, num orfanato de João Pessoa (PB), fiquei sabendo que Pedro Álvares Cabral tinha descoberto o Brasil em 1500. Depois de muito pensar, consegui traduzir em imagem mental a nova informação. Imaginei um menino do meu tamanho, chamado Pedro Álvares Cabral, tirando uma lona de sobre um canteiro de cebolinha e coentro como aquele que eu conhecia no orfanato. Já os 1500 tive de deixar pra lá, pois não consegui imaginar o que poderia ser. Lá correu a notícia

de que o Getúlio Vargas, que pensei ser também um menino como eu, tinha sido assassinado, que ia haver guerra, que iam matar-nos a todos. Um menino mais velho logo se aproveitou de meu pavor, oferecendo-me proteção em troca de metade do meu pão, todos os dias.

Em Campinas (SP) para onde minha pequena família fugiu da miséria absoluta para cair na relativa, fiz o curso de mecânico de auto na Escola Senai Roberto Mange. Foi a melhor escola que já frequentei na vida. No Senai tudo era muito bem explicado e seguido de demonstrações. Havia tempo para o aluno ruminar o que ia aprendendo. O professor Sartori, de ciências, fez análise da água na vista de toda a classe. Vi, de olhos arregalados, a água de uma cuba ser decomposta em oxigênio e hidrogênio. Vi quando ele ateou fogo ao hidrogênio colhido e ouvi a explosão. Vi-o apagar a chama do fósforo e chegá-lo ao oxigênio colhido. Instantaneamente a brasa do fósforo virou chama. Fiquei fascinando com aquilo. Como era que água (uma coisa “molhada”) podia ser feita de dois “ventinhos secos”? (Como eu era bobo...) Foi aí que desembestei nos estudos. Se havia descoberto uma coisa daquelas, o resto seria fácil. Ia descobrir até do que era feito o arco da velha.

De aluno ruim que sempre tinha

sido, passei a ser dos melhores. Até me animei a fazer o ginásio, no Colégio Estadual Vitor Meireles. E com notas excelentes. Já no primeiro ano do Clássico, entrei em contato com o latim e me apaixonei. Seguíamos a Gramática Latina, de Napoleão Mendes de Almeida. Eu colecionava notas altas. No segundo ano, o professor de latim resolveu mudar de método e dar verbos, só verbos e nada mais. Aí foi quando comecei a me danar, para variar. Quem disse que minha memória tinha condições de decorar aquilo tudo, assim solto no ar? E as aulas de literatura brasileira e portuguesa, então! A professora entendia

que estudar literatura era decorar nome, biografia e obras de cada autor. Mais sofrimento e notas baixas. Nas provas eu acabava trocando tudo. Nem lembrava qual deles era o tuberculoso! As aulas de filosofia? Depois de muito matutar para entender o mundo das idéias de Platão, com aquela caverna cheia de sombras, resolvi fazer como os meus colegas: fingir que entendera tudinho.

Por que estou contando essa história? Porque acho que melhorar a educação no Brasil tem de começar com os currículos. Que é que vamos ensinar? Por que vamos ensinar (qual a relevância)? Como vamos ensinar? Quanto vamos ensinar em cada período (carga curricular)? Quando vamos ensinar?

Tenho a impressão de que está bastante difundida a idéia de que escola boa é aquela que sobrecarrega os alunos com currículos extensos e estafantes deveres de casa. Isso serve apenas para treinar papagaios humanos, que repetem, com orgulho ignaro, informações que não têm condições de criticar inteligentemente. Nossa incompetência nessa área é tamanha que conseguimos transformar a aventura do conhecimento, que tem tudo para ser a mais prazerosa de todas as aventuras, em obrigação das mais desagráveis e sem graça.

Construímos sociedades ignorantes, competitivas, violentas e infelizes. Nossa idéia de sucesso baseia-se no ridículo do acúmulo de bens materiais e na conquista de posições sociais de destaque. É a lei da selva piorada. Penso que a Escola tem um papel de enorme relevância a desempenhar no processo de mudanças que urge deflagrar.

■ Ismar Pereira Filho é tradutor e revisor

